



Mulheres em Letras

Jornal do Grupo de Pesquisa Letras de Minas - Belo Horizonte (MG) - Ano 1 - n. 3 - 2010

É fim de ano: hora de balanço

O Grupo de Pesquisa Letras de Minas, responsável por este periódico que chega a seu terceiro número, é vinculado à Faculdade de Letras da UFMG e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Formado por mestres, doutoras e estudantes da pós-graduação, o grupo se reúne regularmente para estudar escritoras brasileiras, discutir artigos científicos e planejar eventos e pesquisas em conjunto.

Até o momento foram organizados dois eventos: o "I Colóquio Escritoras Mineiras: poesia, ficção, memória", em 13 e 14 de maio de 2009; e o "II Colóquio Mulheres em Letras: poesia, ficção, crítica", nos dias 10 e 11 de junho de 2010, que permitiram ao grupo não apenas expor e debater seus tex-

tos diante de um público mais amplo, como a oportunidade de divul-



gar a temática e preencher uma sensível lacuna no campo do estudo de escritoras no âmbito da FALE. E ainda foram publicados os livros Mulheres em letras: antologia de escritoras mineiras (Florianópolis: Editora Mulheres, 2008, 390 p.), e

Escritoras mineiras: poesia, ficção e memória (Belo Horizonte: VivaVoz/FALE, 2010, 120 p.).

Para o próximo ano, o trabalho continua. Encontra-se em preparo a antologia "Mulheres de ontem e de hoje", com artigos e excertos de obras de 30 escritoras mineiras; e um livro reunindo os textos apresentados durante o II Colóquio. Além disso, o grupo já começou a organizar o III Colóquio Mulheres em Letras, que deve acontecer nos dias 5, 6 e 7 de maio de 2011.

Aguardem-nos!

Por Constância Lima Duarte
Profa. da Faculdade de Letras (UFMG)
e coordenadora do Grupo de Pesquisa
Letras de Minas

III Colóquio Mulheres em Letras I Seminário Nacional Mulheres em Letras

O Grupo de Pesquisa Letras de Minas tem o prazer de convidá-l@s para participar do III Colóquio Mulheres em Letras / I Seminário Nacional Mulheres em Letras, que acontecerá nos dias 5, 6 e 7 de maio de 2011, na FALE, UFMG. Pretendemos, com este evento, promover a reunião de especialistas nos estudos da mulher na literatura e revisitar a produção poética e ficcional de autoria feminina, examinando-a à luz de conceitos, linguagens e procedimentos advindos dos estudos literários contemporâneos.

Na ocasião, serão homenageadas as escritoras Dinah Silveira de Queiroz, Elisa Lispector e Elizabeth Bishop, pelo centenário de seus nascimentos, e ainda Tereza Margarida da Silva Orta, pelo tricentenário de nascimento. Como ocorreu nas versões anteriores do Colóquio, serão convidadas escritoras para darem depoimentos sobre seu fazer literário. Em breve serão divulgadas informações sobre as formas de participação no evento.

"Sim, a mulher pode"

31 de outubro de 2010 tornou-se um dia histórico para o povo brasileiro, principalmente para as mulheres, pois pela primeira vez uma delas vai assumir o mais alto posto da República – o de Presidenta do Brasil. Em seu discurso à nação, após o anúncio oficial da vitória, Dilma Rousseff afirmou que irá honrar a democracia e que promoverá a igualdade entre homens e mulheres em todos os setores da sociedade. Mas a frase que marcará para sempre esta data é: "**Sim, a mulher pode!**". O *Mulheres em Letras* se orgulha da eleição de Dilma Rousseff e deseja que ela faça o melhor governo possível.

PARABÉNS, DILMA!

Cumprimentando o jornal "Mulheres em Letras"

* Livia Paulini

Seja um começo de uma
longa vida
E existência do jornal do grupo
de pesquisadores
Vozes das letras autênticas
Poesias e críticas
Debates legítimos
Divulgações de entrevistas
Artigos como cantos de canto
Que sempre habitaram - assim
eu desejo - nossos
Pensamentos.
Na trilha destes autores
Que evocam dinamismo e
emoções,
Lançamentos pronunciados
Reconquistam seus sucessos.
Ao fechar o folheto,
Respondendo ao meu desejo:
Uma ideia se formou
Oferecer o poema "MÃE",

Em outra língua para a autora.
Publicado na edição anterior.

ANYA

Ki álmodik	Kétkedve
Ki egykor lessz	Kérdve
Ki nem tud	elmúlni
Ki nem érti	a szétesőt
Aki keresve a létezöt	megleli
Ki fölényes	szenvedve
Ki elnézoön	veszít
Kinek Tiltva	tagadás
Ö aki	ö
Öseinek öröke	(Vôo Branco, 1979)

**Livia Paulini é escritora, de origem húngara, e Presidente Emérita da Academia Feminina de Letras de Minas Gerais. O poema transcrito acima é uma tradução da versão em português, publicada no jornal Mulheres em Letras número 2, página 4.*

*NOTA PÚBLICA:

Eleição da Primeira Presidenta Brasileira

A eleição da Senhora Dilma Rousseff como primeira Presidenta do Brasil é um marco histórico para a política e a sociedade brasileira.

É a consagração da luta de gerações e gerações de mulheres brasileiras que, desde o início do século XX, lutaram para conquistar o direito ao voto e, finalmente, a condição de serem eleitas pelo voto popular à mais alta esfera do Poder Executivo.

A chegada das mulheres brasileiras ao poder tem sido extremamente lenta e obstaculizada pela tradicional e prevalente concentração de poder masculino. Somente em 1950 foi eleita a primeira deputada federal brasileira; em 1990, a primeira senadora; e em 1994, a primeira governadora.

Na cronologia das mulheres nos espaços de poder e tomada de decisão, 2010 inscreve sua marca com a simbólica ruptura de uma tradição secular de exclusão política.

À luz do empoderamento político das mulheres - assumido há quinze anos como compromisso mundial na IV Conferência sobre a Mulher -, o Brasil dá um passo fundamental na direção de um novo paradigma de gênero e poder, já experimentado em outras nações latino-americanas.

Desejamos pleno êxito à primeira Presidenta do Brasil em seu mandato, para o qual o UNIFEM-ONU Mulheres espera contribuir, no âmbito de sua missão de promover os direitos humanos das mulheres e a conquista da igualdade de gênero.

Dra. Rebecca Reichmann Tavares
Representante do UNIFEM Brasil e Cone Sul
(parte da ONU Mulheres)

**Nota publicada na segunda-feira, 1 de Novembro de 2010, 9:23, no site da instituição:
www.unifem.org.br*



Expediente

Jornal Mulheres em Letras

Publicação do Grupo de Pesquisa Letras de Minas, com cadastro no CNPq

Coordenadora

Constância Lima Duarte

Editora responsável

Fátima Peres

Reg.: MG 03731JP

Conselho Editorial

Constância Lima Duarte, Kelen Benfenatti Paiva, Maria Inês Marreco, Maria Lúcia Barbosa, Cláudia Gomes Dias Costa Pereira, Fátima Peres, Claudia Maia, Maria do Rosário A. Pereira e Lara Christina Silva Barroca.

Colaboradoras

Aline Arruda, Ana Caroline Barreto, Constância Lima Duarte, Claudia Maia, Cristiane Côrtes, Helga Maria Lima da Costa, Cláudia Gomes Dias Costa Pereira, Lara Christina Silva Barroca, Isabella Fernandes Pessoa, Kelen Benfenatti Paiva, Laile Ribeiro de Abreu, Luana Diana dos Santos, Fátima Peres, Maria do Rosário A. Pereira, Maria do Socorro Vieira Coelho, Maria Inês Marreco, Maria Lúcia Barbosa, Vera Godoi.

Revisão

Maria do Rosário A. Pereira
Claudia Maia

Contato

mulheresemletras@gmail.com

Tiragem

1000 exemplares

Impressão

Gráfica Silveira

**Os artigos assinados e publicados neste jornal são de inteira responsabilidade de seus autores.*

Sobre o UNIFEM Brasil e Cone Sul

O Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) foi criado em 1976 como resposta às demandas das organizações de mulheres presentes na Primeira Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Mulher, que se realizou na Cidade do México, em 1975.

No Brasil, desde 1992, o Escritório Regional do UNIFEM para Países do Cone Sul trabalha para promover a igualdade de gênero e os direitos humanos das mulheres na Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.

UNIFEM Brasil e Cone Sul
(parte da ONU Mulheres)
unifemconesul@unifem.org.br
www.unifem.org.br

Mulheres centenárias

Comemoramos em 2010 o centenário de nascimento de duas escritoras muito importantes: Rachel de Queiroz e Patrícia Galvão. Rachel nasceu no dia 17 de novembro de 1910; Patrícia, em 9 de junho do mesmo ano. Destacaram-se no cenário literário, cada uma a seu modo, mas tendo em comum a discussão da mulher no panorama político e social brasileiro.

Rachel inicia sua carreira como escritora pelo jornal *O Ceará*, em 1927, usando o pseudônimo Rita de Queluz. Patrícia, aos 15 anos, já escrevia no *Brás Jornal*, usando o pseudônimo Patty. Posteriormente, adota outro, Pagu, dado por Raul Bopp com quem conviveu no movimento antropofágico.

Em 1930, Rachel lança *O Quinze* e deixa escritores como Graciliano Ramos em dúvida sobre a autoria, uma vez que o texto tratava de questões muito ácidas para serem discutidas por uma mulher. Tendo o sertão como ponto de chegada e de partida, Rachel sempre encontrava um meio de lembrar-se da terra árida e das tradições em seus textos. O sertão era seu refúgio e nele estabelecia aquele movimento de ir e vir que depois inspirou suas protagonistas. No seu caso, o refúgio era a fazenda "Não me deixes", no sertão cearense, que já traz no nome o apelo da terra estabele-

Reprodução da foto do livro: Viva Pagu



Patrícia Galvão

cendo com a autora certa cumplicidade. Pagu empreendeu a luta contra a intolerância e os desmandos impostos por uma sociedade retrógrada que não admitia ideias femininas que ultrapassassem as fronteiras das trivialidades. Inovou e revolucionou costumes como jornalista e escritora que acreditava na palavra escrita como ferramenta para difundir suas crenças.

Estreou, ainda bem jovem, na *Revista de Antropofagia* em seu momento mais radical, a nº 2, e causou impacto pelas ideias surpreendentes de colegial exótica sendo considerada a musa do movimento. Em meio a tudo isso, foi esposa, amante, mãe, escritora de diversas crônicas favoráveis ao feminismo anárquico, além do romance proletário *O Parque Industrial* (1933), em que usa o pseudônimo Nara Lobo, e *A famosa revista* (1945). Fez inúmeras viagens pelo mundo enviando correspondências para os jornais *O Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*. Na China, assistiu ao coroamento de um imperador e trouxe como presente um pacote de soja

que levou para o Ministério da Agricultura dando entrada à soja no Brasil.

Rachel e Pagu foram mulheres

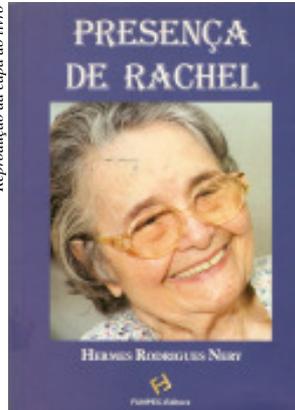
que sempre estiveram muito à frente de seu tempo e, por isso, incomodavam. Pagu foi a primeira mulher a ser presa política no Brasil; Rachel também foi, e com um agravante, teve seus livros queimados em praça pública, na capital baiana, juntamente aos livros de outros escritores, logo que foi implantado o Estado Novo. No entanto, foram mulheres que não cederam às pressões e fizeram valer suas ideias ainda tão atuais entre nós.

Para Rachel, o reconhecimento de seu mérito veio de diversas formas. Teve suas obras reeditadas várias vezes, traduzidas em variadas línguas, colecionou mais de sessenta anos de vida literária prestigiada pela crítica e foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, em 1977.

Nesse primeiro centenário dessas duas mulheres temos muito que comemorar e o melhor modo de fazê-lo é trazer seus textos para a discussão, pois são mulheres que ousaram conquistar seu espaço pela escrita alterando o panorama da Literatura Brasileira e inserindo uma nova escrita feminina na história da literatura de mulheres no Brasil. 🌹

Por Laile Ribeiro de Abreu,
mestranda em Literatura Brasileira
pela UFMG

Reprodução da capa do livro



Rachel de Queiroz

CAROLINA MARIA DE JESUS E OS 50 ANOS DE QUARTO DE DESPEJO

Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977) nasceu em Sacramento - MG e ficou famosa em 1960 pela publicação de seu livro *Quarto de Despejo*, um diário que conta sua vida na favela do Canindé, em São Paulo, onde viveu por nove anos desde 1947. "Descoberta" pelo jornalista Audálio Dantas, Carolina ficou famosa, teve o livro editado oito vezes e traduzido em 13 línguas. Entretanto, assim como foi rápi-

da a ascensão da escritora, foi também a queda. Um ano depois ela já era quase esquecida dos brasileiros. Publicou o livro *Casa de Alvenaria*, em 1961, que foi pouco vendido. Além desses dois livros, Carolina Maria de Jesus escreveu *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (1977), *Diário de Bitita* (1986) e *Meu estranho diário* (1996).

A escrita de Carolina é pungente, forte, densa, daquelas que incomodam e encantam ao mesmo

tempo. *Quarto de despejo*, seu *best-seller*, completa em 2010 cinquenta anos de sua publicação, infelizmente pouco lembrados. O livro é um exemplo claro de sua literatura cortante. O diário, editado por Audálio Dantas,



retrata sua indignação com o país em que vivia, o qual permitia que grande parte de sua população passasse fome. O assunto é companheiro inseparável de Carolina em seu diário, repetido diversas vezes, quase diariamente, a ponto de Carolina concluir: "O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é pro-

fessora" (*Quarto de despejo, Ática, 2000*). A consciência que a escritora demonstra diante das condições políticas e históricas que a levaram, como a muitos, ao quarto de despejo da favela, é surpreendente. Ela explica no diário a metáfora que dá título ao seu livro: "Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jan-

tar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos". Contra esse quintal a escritora fez muitos comentários e usou sua escrita como arma de denúncias ainda tão atuais cinquenta anos depois. 📷

Por Aline Alves Arruda,
mestre em Teoria da Literatura pela UFMG e
professora de Língua Portuguesa e Literatura

Lygia Fagundes Telles, uma retratista do seu tempo



Foto: Vera Godoi

Fotografei Lygia Fagundes Telles em Caxambu durante um encontro de escritores em 1996, e já naquela época ela reinava poderosa como diva da literatura. Hoje, com 87 anos, Lygia foi destaque na Bienal do Livro de São Paulo, cuja palestra recebeu um imenso público para ouvir e ver a escritora, onde recebeu tratamento de estrela como informa o jornal *Folha de S. Paulo* do dia 22 de agosto de 2010.

Na ocasião Lygia lembrou uma frase de Monteiro Lobato, quem visitou na prisão em 1941, o qual disse que "o escritor no Brasil morre pobre e ignorado". Não é o caso dela, em relação aos admiradores, a medir pelo público que a festejou na Bienal. "Rica não sou", disse rindo e sob aplausos. Divertida e filosófica, a escritora divaga sobre o tempo e a beleza ao dizer que é da idade da pedra lascada e que a velhice é um horror. Mas admite que "era uma jovem bonita" e ensina que "para não envelhecer você precisa morrer jovem" e lembra que ninguém quer morrer jovem. Estas festeadas aparições públicas, justas e desejadas, só colaboram para entender melhor a obra e a pessoa ou a pessoa e a obra dessa grande escritora.

Autora, entre outras, de uma

obra clássica, falou sobre o romance *As Meninas*, do qual se despediu chorando, quando terminou de escrever, demonstrando o profundo relacionamento afetivo que o escritor cria com os personagens. "Eles me acolhem e aí eu escrevo". Lygia é conhecida também pelas relações de amizade que soube fazer ao longo da vida, uma delas com a também escritora Clarice Lispector, nascida em 1920 e falecida em 1977, cuja obra é sempre lembrada também pela relação que estabelece com seus próprios personagens, dos quais sempre gosta de lembrar em suas falas.

Contemporânea e amiga de famosos modernistas e intelectuais, a premiada escritora é autora de farta e rica obra entre romances, contos, crônicas, e por conta deles recebeu tradução em nove idiomas, vários prêmios e diversas antologias e adaptações para o cinema, teatro e televisão. Todo esse conteúdo literário e intelectual não a impede de ter a simpatia e simplicidade que a tornam famosa. Em Caxambu, há quatorze anos atendeu a todos, jornalistas, escritores, curiosos e chatos de plantão com a delicadeza e sabedoria de quem é menos importante do que o entrevistador e arrancou deles coisas que eles gostariam de saber e esqueceram de perguntar. Uma delas é que adorava fumar, não sei se ainda o faz, mas a sua foto com o cigarro na mão é uma crônica visual, um pedaço daquele tempo, naquela hora, naquele lugar, ideia que fotógrafo adora lembrar, onde a conheci e me deu muita satisfação. Ela não se lembra que tenho essas fotografias, nem vou pedir-lhe autorização para publicar, mas ela sabe que é assim que acontece e o público também merece saber.

Lygia também é uma retratista do seu tempo. Para ilustrar escolhi o conto "A caçada" em que ela retrata com belíssimas imagens literárias a busca de um homem pelo seu passado, despertado a partir de uma visita a um antiquário onde achou uma bela tapeçaria que lembrava sua infância perdida. Ao final, desiste da busca e en-

tra, literalmente, dentro do quadro e some para sempre do convívio diário para viver intensamente a fantasia que o desenho lhe permitiu. É mais ou menos assim com a literatura e a fotografia. Tudo se permite. Fantasiar e ficcionar a realidade a partir de um sonho, o sonho de fazer o que gosta e como gosta.

Depois de lido, pensei que Lygia deixou de ser caçadora a partir do dia que encontrou a satisfação na escrita. Um texto tirado do livro *Pomba Enamorada ou Uma História de Amor e Outros Contos*, editado pela L&PM, mostra todo domínio das palavras para dizer a felicidade do caçador quando encontra seu objeto de desejo:

"Pode entrar, pode entrar, o senhor conhece o caminho. Conheço o caminho - murmurou, seguindo lívido por entre os móveis. Parou. Dilatou as narinas. E aquele cheiro de folhagem e terra, de onde aquele cheiro? E por que a loja foi ficando embaçada, lá longe? Imensa, real só a tapeçaria a se alastrar sorratamente pelo chão, pelo teto, engolindo tudo com suas manchas esverdeadas.

Quis retroceder, agarrou-se a um armário, cambaleou resistindo ainda e estendeu os braços até a coluna. Seus dedos afundaram por entre galhos e resvalaram pelo tronco de uma árvore, não era uma coluna, era uma árvore!

Lançou em volta um olhar esgazeado: penetrara na tapeçaria, estava dentro do bosque, os pés pesados de lama, os cabelos empastados de orvalho. Em redor, tudo parado. Estático. No silêncio da madrugada, nem o piar de um pássaro, nem o farfalhar de uma folha. Inclinou-se arquejante. Era o caçador? Ou a caça? Não importava, não importava, sabia apenas que tinha que seguir correndo sem parar por entre as árvores, caçando ou sendo caçado". 📷

Por Vera Godoi, fotógrafa

O Canto da Juriti: Maria Lúcia Alvim

"Hoje em dia eu digo para os meus amigos, nas cartas que eu escrevo para alguns, a literatura é minha dama de companhia". Nascida na região do Barreiro, em Araxá, em 1932, Maria Lúcia Alvim é autodidata, apaixonada pela literatura e pelas artes plásticas, trilhou os caminhos da pintura, da colagem, da moda e da poesia. A autora de *XX Sonetos* (1959), *Coração Incólume* (1968), *Pose* (1968), *Romanceiro de Dona Beja* (1979), *A Rosa malvada* (1980) e *Vivenda* (1989) vive hoje em Volta Grande, Minas Gerais.

Poderia esboçar seu perfil. Quem é Maria Lúcia Alvim?

Maria Lúcia: No Sertão de Minas, já nasci dentro de um mundo cosmopolita, porque vinham pacientes do mundo inteiro se tratar ali. E logo fui despertada para o estranho, para o desconhecido desde menina, as línguas estrangeiras que ouvia, as figuras no núcleo do mato, no meio do brejo mesmo. Quando saí de Araxá, com oito anos, fui para o Rio de Janeiro, para o colégio interno e lá eu comecei a falar francês com 9 anos de idade. Na infância, era uma menina muito solitária; irmã do meio é sempre mais complicado, ficava muito na fazenda de meu avô... Sempre fui assim mais reclusa, mais intimista.

Quando nasceu seu interesse pela literatura?

Maria Lúcia: Literatura na minha casa era lugar comum, fazia parte da rotina. Papai recitava Marceline Desbordes-Valmore, Ângela também desde cedo com Rilke, e meu irmão mais velho também poetava. Minha mãe tocava violino, falava alemão e recitava Goethe. Depois veio a formação francesa no colégio interno, no Rio de Janeiro... E depois os autores brasileiros... Eu tenho a impressão que a minha poesia nasceu de uma coincidência muito grande, porque eu sou muito ligada à terra, profundamente ligada às minhas raízes. E comecei a me entronizar aqui e depois voltei para o Rio e começou essa ambivalência entre a minha poesia e a minha vida psíquica. Eu não ficava feliz nem no mar e nem na terra. Eu estava no mar tinha saudade da terra, eu estava na terra tinha saudade do mar. E acabei que estou aqui na terra. E a saudade do mar foi diminuindo com a idade.

Octavio Paz afirmou que "os poetas não têm biografia. Sua obra é sua biografia". No seu caso, sua vivência pode ser lida nas entrelinhas de seus versos, as cidades por onde passou, a infância na fazenda, o convívio familiar. Em que medida seus versos podem ser lidos pelo viés autobiográfico?

Maria Lúcia: *O Romanceiro* é minha vida, porque eu fiz da Dona Beja um símbolo, uma figura simbólica da minha vida na fazenda ... pelo amor que ela tinha às origens. Em meus livros há impressões de coisas que eu li, que eu vi, que eu senti e que estão no mundo da arte.

O amor aparece em seus versos com um certo desencanto, um sentimento forte, imperioso e ao mesmo tempo fugidio, que se esvai. Como você define esse tema em sua poética?

Maria Lúcia: O amor para mim sempre foi um sentimento abstrato, eu nunca tive a sensação de que fosse algo concreto, de viver assim de carne e osso, é imaginário, mental. O amor evapora... Eu sempre fui uma pessoa sozinha, nunca tive na minha vida a sensação de ser um par. A poesia é o que você consegue transformar em realidade, aquilo que você não sabe viver na realidade. Quer dizer, você não vive o sentimento real, mas consegue transformar em palavras esse sentimento.

Sua ligação com os seus é traço marcante em sua poesia e pode ser percebida nas dedicatórias de seus livros, nas referências diretas às obras de Maria Ângela Alvim e de Francisco Alvim e nas homenagens que presta por meio da intertextualidade em seus versos. Além dessa evidente marca, são temas recorrentes a reflexão metapoética, o amor e



Maria Lúcia Alvim

a morte. Que outro tema você destacaria como central em sua obra?

Maria Lúcia: A terra. O cheiro da terra, o pisar na terra, o pegar a terra.

O fato de ser mulher dificultou de alguma forma sua entrada no mundo das letras na década de 1950 como autora de poesia?

Maria Lúcia: Não. Nesse ponto eu sempre tive uma vida assim à parte porque o que eu queria publicar, meu pai publicava. O que eu quis publicar, eu publiquei. A primeira experiência que eu tive de publicar fora da minha casinha foi o convite do Márcio. Agora há uma poeta extraordinária, Elisabeth Veiga, alheia um tanto à mídia, a aparecer e seu último livro *Sonata para pandemônios* é, na minha opinião, muito superior ao de muitos homens. Porque tem aquele problema da irmã de Shakespeare... que a gente tem de tomar cuidado.

Se tivesse que escolher um único poema seu para deixar à posteridade como a marca de Maria Lúcia, qual seria?

Maria Lúcia: Canção do Barreiro, do *Romanceiro*, que diz assim:

*Onde fica minha terra
Bem-te-vi?
Na lira que em ti suspira,
Juriti.*

Por Kelen Benfenatti Paiva,
doutoranda em Literatura Brasileira
pela UFMG

A arte mestiça de Bernardine Evaristo

Foto: Arquivo pessoal



Melissa Schindler

Quando essa escritora inglesa, mestiça, nigeriana-brasileira-irlandesa, Bernardine Evaristo, fala dos tópicos que ocupam seus livros, ela não fala em termos de conceitos ou cenas desenvolvidas pela própria autora. Em vez de escolher os temas, ela diz: "os temas é que me escolhem". Talvez é por isso que o seu primeiro romance, *Lara*, conta a história dos seus antepassados, uma história que dura 150 anos e atravessa as fronteiras de cinco países (Inglaterra, Nigéria, Irlanda, Alemanha e Brasil). Uma mistura de poesia e prosa, *Lara* evita as categorias fixas a partir das quais normalmente se discute a literatura, sugerindo que a divisão entre "nós e os nossos antigos antepassados" não é tão forte como imaginamos. Evaristo é a quarta de oito filhos nascidos de um pai nigeriano e uma mãe inglesa. Por isso, pode ser percebido o que a autora queria dizer quando diz que a história dos textos a escolhe.

Se a escritora, como indivíduo, foi escolhida em *Lara*, podemos dizer que todos nós também estamos representados no seu sexto e último livro, *Blonde Roots*: um romance (*As Raízes Louras*). Essa novela traz a pergunta: como seria o mundo se os africanos tivessem colonizado os europeus? A protagonista do romance chama-se Doris e é capturada pelos Aphrikanos, ou Ambossans, que chegam a Europa em busca de escravos brancos para escravizar nos campos de cana, no continente de "Aphrika." Doris, uma mulher "whyte" (que, como

"Aphrika," substitui a palavra inglesa normalmente usada por outra palavra parecida), é transportada através do mar Atlântico numa viagem que conhecemos, historicamente, como o Middle Passage. Eventualmente, Doris consegue fugir do seu mestre, como nos contos de Harriet Jacobs e Frederick Douglass, nos Estados Unidos no século XIX, e o leitor vive a experiência da viagem como se fosse o personagem.

Embora seja, às vezes, um pouco didático, esse romance inspira uma grande reação no leitor. Evaristo joga com as expectativas de muita gente, particularmente dos países do hemisfério Norte, já tem sobre a escravidão no mundo atlântico. Ela questiona os métodos científicos e culturais que pessoas da era moderna estabeleceram para definir os sistemas racistas, cujos efeitos continuam até o presente.

Essa escritora ainda tem muita contribuição para a Literatura. Como já escreveu romances, poesia, teatro e história, está sempre a mudar de estética quando apresenta um trabalho. Ninguém sabe o que vai escrever no passo seguinte. Porém, é certo que ela publica as suas escrituras femininas, particularmente, no seu blog:

bernardinevaristosblog.wordpress.com

Mensalmente ela escreve sobre um novo livro, e parece que prefere dar resumos de autoras mulheres. Por fim, é possível ver que Bernardine Evaristo experimenta novos estilos para discutir tópicos que, mesmo que sejam antigos, têm aplicação no presente. 🍌

Por Melissa Schindler, estudante americana e doutoranda em Literatura na State University of New York, Buffalo

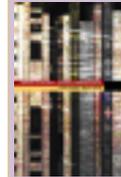
Blonde Roots:

Deep down I knew that the slave traders were never going to give up their cash cow. It was, after all, one of the most lucrative international businesses ever, involving the large-scale transport of whytes, shipped in our millions from the continent of Europa to the West Japanese Islands, so called because when the "great" explorer and adventurer Chinua Chikwuewmeke was trying to find a new route to Ásia, he mistook those islands for the legendary isles of Japan, and the name stuck.

So here I am in the United Kingdom of Great Ambossa (UK or GA for short), which is part of the continent of Aphrika.

...The Ambossans called us tribes, but we were many nations, each with our own language and funny old customs, like the Border Landers, whose men wore tartan skirts with no knickers underneath.

The Ambossans also called Europa the Gray Continent, on account of the skies always being Overcast. (p. 6-7)



História da literatura: questões contemporâneas.
Cecile Jeanine Albert Zinani.
Preço: R\$ 39,00

O presente estudo propõe-se a apresentar algumas reflexões que subsidiem a escrita de uma história da literatura sob uma perspectiva mais ampla, fundamentada em aspectos que contemplem a temática da ditadura na América Latina contemporânea e numa perspectiva de gênero, visto que o corpus é composto por obras produzidas por mulheres como a argentina Elsa Osório e as brasileiras Nélida Piñon e Ana Maria Machado.



Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea
Regina Dalcastagnè e Virginia Maria Vasconcelos Leal (Org.)

Preço: 36,00

Esta obra pretende trazer uma profunda discussão sobre a presença e a representação da mulher enquanto escritora e personagem no romance brasileiro dos últimos 45 anos. Para justificar cientificamente os textos, a obra traz o resultado de um mapeamento feito pelo Centro de Estudos em Literatura Brasileira da UnB nos períodos de 1965-1979 e 1990-2004 que mostra que, apesar de toda a evolução da condição feminina, a literatura - ou, ao menos, o romance - continua a ser no Brasil uma atividade predominantemente masculina.



Educação, pesquisa e consultoria



União Produtora Ltda
Fazenda Engenho, s/n
Caixa Postal: 27 - Zona Rural
CNPJ: 08.175.256/0001-41
Inscrição Estadual:
001019597.00-39
CEI: 32.940.01594/78